

A mulher: um sintoma para o homem?

Maria Anita Carneiro Ribeiro*¹
Danielle Belo Lamarca*²
Martha Ribeiro da Fonseca*³
Laura Monteiro Junqueira*⁴

74

Na última década de seu ensino, Jacques Lacan propõe que uma mulher pode ser um sintoma para um homem. Este artigo revê uma abordagem da teoria freudiana da identificação de gêneros para discutir a proposta de Lacan.

Palavras-chave: Feminino, masculino, identificação

*¹ Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Br).

*² Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Br).

*³ Unisuam (Rio de Janeiro, RJ, Br).

*⁴ Prefeitura Municipal de Leopoldina (Leopoldina, MG, Br).

Há muito tempo desistimos de toda expectativa de achar um paralelismo uniforme entre o desenvolvimento sexual no masculino e o feminino.
(Freud, 1931/1994g, p. 228).

Sexo e morte é o binômio que não tem representação no inconsciente, nos diz Freud ao longo de sua obra, e que, por isso mesmo, faz questão aos homens e às mulheres. Perto do final de sua vida, em 1933, Freud remete os psicanalistas aos poetas, mestres no dizer o impossível de ser dito.

No rastro de Freud, Lacan forja os aforismas: “A mulher não existe”, “Não há relação sexual”, para reafirmar que no inconsciente não há registro da diferença sexual e que a mulher representa a alteridade absoluta para os sujeitos de ambos os sexos, pois no que pesem os avanços da ciência, os humanos ainda nascem de uma mulher. A mãe é, portanto o Primeiro Outro do sujeito.

Porém, Lacan vai ainda mais longe e, em 1972, no “Atur-dito”, propõe que para um homem a mulher é um sintoma. Neste artigo visamos interrogar esta afirmação enigmática, a partir de uma visão do feminino na obra de Freud e no ensino de Lacan.

Para Freud, 1910, nas “Contribuições à psicologia do amor”, o que faz o homem ser atraído por determinado tipo de mulher são as condições de objeto em que ela se encontra, das quais destaca três:

- A primeira é a existência de uma terceira pessoa que será prejudicada; outro homem, contra o qual o sujeito vai brigar, lutando por ela. Quer a mulher seja livre, quer esteja apaixonada, ela só se tornará objeto amoroso pertencendo a outro homem.
- A segunda é que a mulher casta e pura não exerce atração como objeto amoroso. É necessário que parem dúvidas sobre sua reputação moral, que haja indícios ou mexericos sobre seu comportamento leviano. Não raro um laivo de insegurança e ciúme proporciona à mulher ser objeto de desejo amoroso mesmo tendo comportamento promíscuo ou sendo profissional do sexo.
- Paradoxalmente, no amor normal, o homem procura uma mulher sexualmente íntegra, mas, reconditamente, semelhante às prostitutas, ou seja, uma dama na sociedade e uma vagabunda no amor. Esse tipo de objeto amoroso, ou, por outra, esta mulher ideal, exigirá do amante uma sobrecarga de energia mental, na medida em que ele cobrará de si mesmo fidelidade e dedicação absoluta, não medindo esforços para atender aos desejos de sua amada. Comum entre os que se apaixonam, esse comportamento amoroso pode se replicar ao longo da vida: o homem tem necessidade de salvar a mulher amada, acredita que sem sua presença ela poderá perder o controle moral, afetando sua reputação na sociedade.

76

Semelhante ao relacionamento comum, na terceira precondição, a escolha de objeto do amor remete-se à infância, sempre passando pela busca na mulher das características parecidas com as da mãe. Dessa forma, a busca do objeto amoroso, que pressupõe a necessidade de um triângulo amoroso, representa a busca pela mãe e disputa da atenção materna com o pai. Desse triângulo, necessariamente, uma pessoa sai prejudicada: já está acostumado a sempre dividir a atenção com o outro, o sujeito permanecerá na mesma posição até atingir a puberdade, quando buscará substitutos que o remetam à mesma situação. Eis o único problema: como a busca é pela mãe, será difícil conseguir preencher esse lugar.

À medida em que se afasta do narcisismo primário próprio da infância, o homem vai transferindo-o para o objeto sexual, e a escolha pelo amor objetal passa a ser uma característica masculina. Essa supervalorização sexual é comum nas pessoas apaixonadas, que acabam desenvolvendo uma compulsão neurótica a favor do objeto amoroso, anulam o eu em detrimento da libido.

Em se tratando das mulheres, logo no início da puberdade e com o amadurecimento dos órgãos sexuais, é como se consolidasse o narcisismo original; a escolha de objeto não será concomitante à supervalorização sexual. Sendo belas, as mulheres amam a si mesmas em um narcisismo original, e esse amor sustenta-as em sua escolha objetal. Se um homem vier a amá-la e quiser ser correspondido, terá de atender a todos os seus caprichos. São atraentes não simplesmente pela beleza, mas, sobretudo, pelo fato de seu narcisismo exercer uma poderosa atração sobre aqueles que renunciaram ao seu próprio narcisismo e estão à procura do amor objetal. No

ARTIGO

entanto, com o passar do tempo, esse encanto vai gerar uma grande dúvida quanto ao verdadeiro amor dessa mulher: sua natureza enigmática tem raízes incongruentes nas várias escolhas de objeto. Quando engravidam, esse amor transforma-se completamente, na medida em que elas repassarão parte do seu amor narcísico para a criança.

Em “A organização genital infantil” (1923/1994c), Freud afirma que a criança não tarda a reconhecer que algumas mulheres não têm pênis e que isso ocorre como consequência de uma punição. O fato aconteceria com pessoas do sexo feminino consideradas desprezíveis, já que as pessoas que a criança respeita, como sua mãe, conservam o pênis por longo tempo na mente infantil, só perdendo-o posteriormente, ao perceberem que as mulheres podem ter filhos como sua mãe.

Na tentativa de compreender a troca do pênis por um bebê, a criança constrói uma série de teorias, entre as quais a de imaginar que o bebê vive dentro do corpo da mãe, em seus intestinos, e nasce através da saída intestinal. Nota-se que, na organização genital infantil, existe a masculinidade, mas não a feminilidade. De fato, para Freud (1923/1994c):

(...) O primado dos genitais não se consuma na primeira infância, ou então se faz de maneira muito incompleta. A aproximação da vida sexual infantil com a adulta vai muito mais além, e não se circunscreve com a emergência de uma eleição de objeto. Se bem que, não se alcança uma verdadeira unificação das pulsões parciais no primado dos genitais, o apogeu do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil é o interesse pelos genitais que ganham uma significação dominante no que se aprofunda na idade madura. O caráter principal desta organização genital infantil é, ao mesmo tempo, a sua diferença em relação à organização genital definitiva do adulto. Em ambos os sexos, só existe um papel genital, o masculino. Não um primado genital e sim, o primado do falo. (p. 147)¹

77

Em “A dissolução do complexo de Édipo”, de 1924, Freud diz ser o complexo de Édipo o fenômeno central do desenvolvimento da sexualidade infantil, cujo sepultamento² ocorre quando a criança inicia o período de latência.

Enquanto a menina quer ser amada, sobretudo por seu pai, até sofrer a dura punição de ser atirada para fora de seu paraíso ingênuo, o menino, por sua vez,

¹ A tradução desta citação foi feita pelas autoras deste artigo.

² Na tradução da Imago, surge como “Dissolução do complexo de Édipo” o que conturba o conceito de Freud, pois não há uma dissolução, e sim um recalçamento. Freud nos diz que: “(...) é importante ressaltar que, se o eu, na realidade, não consegue muito mais do que um sepultamento do complexo de Édipo, este persiste em estado inconsciente no isso e manifestará, mais tarde, seu aspecto patogênico.

encara a mãe como o objeto de posse até o momento em que percebe, na verdade, que ela pertence ao pai. Embora não ocorra nenhum acontecimento especial, a ausência da satisfação esperada leva o pequeno amante, sem esperança, a dar as costas ao seu desejo.

Ao descobrir sua genitália, a criança do sexo masculino demonstra seu interesse manipulando-o constantemente, a ponto de sua atitude ser reprovada pelos adultos que tecem ameaças de que seu membro será arrancado. Esse julgamento, normalmente, é feito pelas mulheres que buscam reforçar sua autoridade referindo-se ao pai ou ao médico, os quais dizem que levarão a cabo a punição. De início, o menino não acredita na ameaça ou a ela não obedece.

Em “O fetichismo” (1927/1994f), Freud conceitua, pela primeira, e talvez única vez, o termo “narcisismo do órgão”, revelando que a ameaça de castração não está à mercê de circunstâncias ingênuas, uma vez que o menino ama tanto seu pênis — órgão do desejo que, desde as primeiras ereções, parece ter vida própria que, mesmo sem qualquer ameaça exterior, teme perdê-lo.

O olhar lançado aos órgãos genitais femininos faz o menino acreditar na ameaça da perda. Ao ver uma menina, a criança que tanto orgulho tem de seu pênis não pode deixar de se convencer da ausência de um pênis em um ser que lhe é semelhante. Dessa forma, além de a perda de seu órgão tornar-se verossímil, instala-se a ameaça da castração: nos meninos, como punição, e nas meninas, como condição.

78

O sepultamento do complexo de Édipo acontece pelo abandono do investimento libidinal no objeto, que é substituído pelas identificações. A autoridade do pai é introjetada no eu, formando o núcleo do supereu, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição de incesto.

Ainda neste texto, Freud revela que, em se tratando das meninas, elas também desenvolvem um complexo de Édipo, um supereu, além da possibilidade de atribuir-lhes uma organização fálica e um complexo de castração que, obviamente, não ocorre da mesma maneira como é concebido nos meninos. Nesse caso, o clitóris da menina, inicialmente, comporta-se como um pênis, mas, no entanto, ao compará-lo com o do menino, percebe que está em “desvantagem”. Ignorando que não se trata de falta, mas de diferença sexual, a menina sente o fato como uma injustiça e fica, durante algum tempo, com a esperança de que um dia adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino.

Eis a diferença essencial: enquanto a menina encara a castração como um fato consumado, o menino tem imaginariamente apenas a possibilidade de sua ocorrência. Assim sendo, Freud evidencia que, embora as meninas estejam sujeitas ao complexo de castração, não sofrem a sua ameaça, apenas acreditam que, em uma época anterior, possuíam um pênis que foi tirado pela castração.

Em “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925/1994e), Freud argumenta que, no sexo masculino, a rivalidade nutrida

ARTIGO

com o pai, na tentativa de tomar o seu lugar, é o primeiro estágio possível de ser observado. A atitude edipiana dos meninos pertence à fase fálica, e seu sepultamento acontece quando se instala o temor da castração, por seu interesse narcísico (enamoramamento) no órgão genital e o conseqüente medo de perdê-lo.

Já nas meninas, o complexo de Édipo levanta um problema a mais, uma vez que, para ambos os sexos, a mãe é o objeto original de amor e desejo. Ao ultrapassar sua primeira tentativa de compreender a falta de pênis como uma punição pessoal, a menina passa a culpar a mãe por não ter lhe dado um pênis, explicando, assim, o afrouxamento da relação amorosa da menina com sua mãe.

Seguindo ainda a mesma ideia, Freud afirma que o complexo de Édipo com pai, nas meninas, é uma formação secundária, posto que as operações do complexo de castração precedam e preparem-no. Diferentemente do caso dos meninos, no qual o complexo tem seu sepultamento por meio da angústia de castração, nas meninas, ele se faz possível e é introduzido pela mesma. Dessa forma, nota-se que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: inibindo e limitando a masculinidade e incentivando a feminilidade.

Olhada sob o viés de que a neurose baseia-se na luta incessante do eu contra as exigências pulsionais do isso, a catástrofe que ocorre no complexo de Édipo — o abandono do incesto e a instituição da consciência e seus diques (moralidade, repulsa, e vergonha) — pode ser considerada uma vitória.

Quanto às meninas, o motivo para o sepultamento desse complexo fica em falta porque, como já se afirmou, ela já se reconhece castrada como condição. Freud ressalta essa observação dizendo que nas mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal é diferente do que é para os homens: seu supereu nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens.

Em seu texto “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1958/1998), Lacan ratifica essa concepção, afirmando a respeito da posição-chave do falo no desenvolvimento libidinal. Faz uma releitura dos textos de Freud sobre a psicologia do amor.

Ressalta a duplicidade masculina, dividida entre o amor e o desejo na forma masculina de amar, que ele chama de fetichista. Assim o homem escolhe sua parceira à imagem e semelhança de seu objeto edipiano — a mãe. Com o tempo, e principalmente com o nascimento dos filhos, os laços de ternura por esta mulher se estreitam, enquanto que o desejo sexual se desvia em direção às mulheres — falo que habitaria a cidade imaginária de Venesburgo, ou seja, o imaginário erótico masculino.

Seriam as mulheres menos dúplices do que os homens? Já no momento desse escrito Lacan (1958/1998) adianta aquilo que só irá conceituar de forma mais completa ao introduzir em teoria o nó borromeano: a duplicidade do gozo feminino. Neste momento inicial, ele propõe que a mulher usa o homem com quem copula

como um conector, um transformador que muda a voltagem de seu gozo. Com o homem desejado a mulher obtém o gozo fálico, mas para além dele encontra o gozo misterioso com o “incubo ideal” ou o “amante castrado ou um homem morto (ou os dois em um)” (p. 742).

O incubo é um demônio medieval que fazia as mulheres gozarem de um gozo proibido e que as levava como bruxas às fogueiras da Inquisição. Porém por que Lacan fala do amante castrado e do homem morto, e mesmo, adiante, da figura de Cristo? Ele nos diz que “não há virilidade que a castração não consagre” (ibid.), ou seja, que é quando porta as marcas da castração que, para uma mulher, o homem se torna verdadeiramente viril. Não podemos nos esquecer da atração que exercem sobre as mulheres as figuras do atleta exausto, do gladiador ferido, do herói machucado. Freud havia chamado a atenção para o fato de que, na escolha amorosa das mulheres, não encontramos a supervalorização do objeto que encontramos no homem.

Para Lacan enquanto a diferença anatômica é transformada em diferença significativa e referida à problemática do ter fálico, as pulsões parciais em si ignoram a diferença sexual. O Édipo freudiano, portanto, responde à pergunta de como um homem pode amar sexualmente uma mulher: isso só é possível por haver renunciado ao objeto primordial, a mãe, e ao gozo referido a ela. Ou seja, quando há uma castração do gozo. Essa questão pode ser traduzida em uma frase: o Édipo produz o homem, não produz a mulher.

Em “Sobre a sexualidade feminina” (1931/1994g), Freud afirma que, no complexo de Édipo, se por um lado, encontramos a criança ternamente ligada ao seu genitor do sexo oposto, por outro lado, no seu relacionamento com o do próprio sexo, prevalece a hostilidade. Em se tratando do menino, não é difícil entender essa relação, na medida em que o primeiro objeto amoroso é a mãe, assim continuará sendo, com a intensificação de seus desejos eróticos e sua compreensão interna de que terá de renunciar à sua mãe como objeto de desejo, por meio da introjeção das leis proibitivas do incesto. Seu pai está fadado a se tornar seu rival. Isto é o que não acontece com a menina, para quem o primeiro objeto amoroso também é a mãe. Fica a pergunta: “Como esta consegue desligar-se da mãe e encontrar caminho para o pai?”

O desenvolvimento da sexualidade feminina é complexo, justamente pelo fato de a menina ter de trocar seu objeto amoroso inicial, a mãe, pelo pai e, em um segundo momento, abandonar o que originalmente constitui sua principal zona genital — o clitóris — em favor de outra, a vagina. É importante ressaltar os casos em que as mulheres permanecem detidas em sua ligação original com a mãe e nunca alcançam uma verdadeira mudança em direção aos homens. Freud (1931/1994g) alerta para a grande importância dessa fase pré-ediapiana das mulheres com suas mães.

Já vimos que, no homem, a mãe é seu primeiro objeto amoroso pelo fato de alimentá-lo e dele cuidar, permanecendo assim até ser substituída por outra mulher. Por esse prisma, entendemos que não poderia ser diferente em relação à mulher,

ARTIGO

sendo também a mãe seu primeiro objeto amoroso, porém, ao final de seu desenvolvimento, seu pai — um homem — deverá ter ocupado esse lugar de objeto amoroso. A mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança do sexo de seu objeto.

Somente na criança do sexo masculino encontra-se a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro como rival. Dessa forma, a descoberta da possibilidade de castração, tal como provada pela visão dos órgãos sexuais femininos, impõe ao menino a transformação de seu complexo de Édipo e conduz a criação de seu supereu. Trata-se, precisamente, do seu interesse em preservar o pênis.

Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração e, supondo superioridade imaginária do homem e sua própria inferioridade, rebela-se contra esse estado de coisas indesejáveis. Daí conclui Freud (1931/1994g):

A fase exclusiva de ligação com a mãe que pode se chamar pré-edípica, tem então uma significação muitíssimo maior na mulher, e não há correspondência disto no menino. Inúmeros fenômenos da vida sexual feminina mal compreendidos anteriormente se esclarecem plenamente se nós o reduzirmos a ela. Por exemplo, tenho observado há um tempo: muitas mulheres que achavam terem escolhido seus maridos nos moldes de seu pai colocando este no lugar de uma repetição, porém, trazem em seu matrimônio sua péssima relação com sua mãe. Ao invés de herdar o vínculo com o pai, na realidade o que se herda é o vínculo com a mãe. (p. 232)

A relação pré-edípica da menina com sua mãe, postulada por Freud, introduz uma questão conceitual. Se Freud estivesse se referindo a uma etapa do desenvolvimento psíquico, seria natural supormos a existência de uma etapa pré-edípica no desenvolvimento do menino. Porém isto não ocorre. O menino freudiano é todo edípico. Assim sendo, propomos que se leia o pré-edípico das mulheres não como uma etapa anterior ao Édipo, e sim como aquilo que nas mulheres fica *fora* da referência ao Édipo, uma vez que a ameaça de castração não opera para elas como tal.

Há uma considerável parcela de mulheres que dissipam anos de sua maturidade numa incessante luta contra seus maridos, da mesma forma que, em sua juventude, brigaram com a mãe, que era um objeto tão intenso, quase exclusivo, dirigindo seu interesse para os mecanismos de ação com o objetivo de dela se afastar.

A hostilidade que ficou para trás segue na trilha da vinculação positiva e se alastra ao novo objeto. O marido da mulher, inicialmente herdado por ela pela via do pai, após algum tempo, torna-se também o herdeiro da mãe.

Freud termina sua conferência dizendo que isso é tudo com que ele pode contribuir para tentar explicar a feminilidade. Fora isso, para saber mais a respeito desse enigma, temos de recorrer aos poetas.

Segundo Freud, como inconsciente não reconhece a diferença entre os sexos, apenas a dicotomia fático/castrado, as mulheres são obrigadas a construir sua versão da feminilidade sem um suporte simbólico. Afinal o que está em jogo é a representação que a definiria, e não a estrutura anatômica.

Sabemos que, para Lacan, *A* (mulher que não existe, pois não há no inconsciente freudiano a representação da mulher) pode ganhar consistência de diversas formas e uma delas é como ideal presente na arte. Ao criar uma representação do feminino, o poeta, por exemplo, confere realidade a esse ideal. Da mesma forma a mulher existe para o homem, que toma uma mulher como aquela que seria capaz de preencher sua falta. Em “Televisão” (1964/1993, p. 70), Lacan nos aponta que, ao contrário de *A*, a mulher que não existe, ou seja, não existe enquanto toda, só existem mulheres não toda, o homem existe. Em outras palavras, o homem existe como proposição universal, todo referido ao falo. “Uma mulher só encontra o homem na psicose” (ibid.) Em outras palavras, “O homem” é um conceito que tem consistência lógica, mas uma mulher só procura um homem quando ele está para ela marcado pela castração. Freud já observava isto na psicologia do amor, ao dizer que não se observa nas mulheres a mesma supervalorização do objeto sexual que se vê nos homens. Não há proposição universal do lado feminino das fórmulas da sexuação. A dupla negação que sustentaria a proposição particular da não toda é, como diz Lacan, loucura — é uma proposição impossível. Uma mulher se presta à perversão que é do macho. “Antes o para-o-que-der-e-vier de preparar-se para a fantasia d’O homem encontre nela sua hora da verdade” (p. 71). Este é o segredo da mascarada feminina.

Em 1972, no *Seminário XX, Mais ainda*, Lacan propõe as fórmulas quânticas da sexuação como a possibilidade de uma leitura lógica da sexualidade humana segundo a psicanálise. Utiliza-se de quatro proposições da lógica aristotélica. Do lado neurótico: todo homem é referido ao falo (proposição universal possível); sustentada na exceção lógica: Existe um homem que não é referido ao falo (o pai da horda primeva de “Totem e tabu”). Do lado feminino: A mulher é não toda referida ao falo (proposição particular contingente), que não se sustenta em nenhuma exceção: Não existe nenhuma mulher que não seja referida ao falo (a dupla negação indica uma proposição impossível).

Abordamos a questão a partir da transcrição de uma intervenção de Lacan em Strasburg, em 26 de janeiro de 1975, em resposta a uma questão de Marcel Ritter. Após discutir o que Freud descreveu como função fática, reitera o que já havia enunciado: “para um homem, uma mulher é sempre um sintoma” (Lacan, 1975/1994, p. 15). Comenta que havia se alegrado muito quando algumas mulheres, e não quaisquer mulheres, mas “aquelas para as quais o terceiro fático é particularmente ressoante” (ibid.), disseram que uma forma semelhante lhes havia ocorrido. Não que o homem possa ser um sintoma para uma mulher, pois como já vimos, o

ARTIGO

homem não está presente para uma mulher que não seja psicótica, mas lhes ocorrerá se perguntar: por que amar esse homem em particular? Estas mulheres acreditavam que tal escolha fosse da ordem do sintoma. “Não creio”, diz Lacan, “e isto pelo fato de que não há referência possível à Mulher — posto que A mulher como universal não existe — que o sintoma Homem tenha absolutamente o mesmo lugar para uma mulher” (ibid.).

Prossegue dizendo que “é totalmente concebível que a relação de uma mulher ao inconsciente seja diferenciável da do homem ao inconsciente” (ibid.). Se o inconsciente está “menos intimamente tecido à realidade de uma mulher do que à do homem (p. 16), isto explicaria por que as mulheres o compreendam melhor e estejam mais bem aparelhadas para falar do inconsciente de modo eficaz do que a maioria dos homens.”

Antes, devemos demarcar que, de acordo com Lacan, o sintoma não se apresenta apenas como mensagem a ser decodificada pela interpretação, mas também como gozo porque, afinal, existe um resto da pulsão que fica mesmo após todo deciframento significativo.

A mulher, no entanto, como símbolo da falta, faz o homem crer nela como crê no seu sintoma, ou seja, como enigma a ser decifrado através da pergunta: o que quer uma mulher? E também, além disso, como gozo. O homem então crê desejar uma mulher quando a ama, mas, ao desejá-la efetivamente, não a tem como parceira, mas como um objeto. Este objeto equivale a um pedaço do seu próprio corpo. O homem, contudo, para amar uma mulher, tem de tê-la sustentado na posição fálica, aquilo que Freud chamava de supervalorização do objeto.

Como vimos anteriormente, o homem cria a mulher que, sem dúvida, é uma ficção, pois afinal o que ele quer de fato é seu objeto, objeto que não fala; coerente, portanto, como gozo sem palavras.

O amor e o desejo, a mãe e a “puta” estão separadas para o homem, este caráter fetichista do amor masculino é estranhado pelas mulheres, uma vez que, para elas, de acordo com Lacan, ambos, amor e desejo, se dirigem para um mesmo objeto: “Ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada”.

A mulher é, portanto, sintoma do homem, já que é por meio dela e com ela que o homem, como sujeito, goza do inconsciente. Segundo Quinet (2011), o sintoma, deste ponto de vista, comporta-se como parceiro sexual. Trata-se de um sintoma assumido, não mais aquele sintoma-mensagem que contém algo a ser decifrado, mas o que resta do deciframento.

Para Quinet, o sujeito tem um duplo padecimento: o da linguagem e o do sexo, e é por meio do sintoma que esse padecimento se revela, já que o sintoma é tecido de linguagem e fala da satisfação sexual do neurótico. Por remeter em última

instância a uma modalidade de gozo, o sintoma é, portanto, um destino pulsional capaz de ser desvelado pela análise. Lacan (1958/1998) afirma que o sintoma liga o sujeito ao seu desejo, sendo, por isso, marcado e perturbado pelo mesmo.

Para Lacan (1957-1958/1999), no sintoma, assim como em outras formações do inconsciente, existe uma satisfação do desejo às avessas, o que, segundo Freud (1917/1994a), é uma satisfação “real” que aponta para o fato de o desejo estar vinculado à pulsão de morte.

O sintoma, não mais como formação do inconsciente, mas como sintoma, o incurável do inconsciente, é o significante que fixa este mais-de-gozar. Isto é a mulher-sintoma para um homem.

Por estar não toda referida ao falo, ou seja, em termos freudianos, nem tudo para uma mulher passa pelo Édipo, pela lei do pai, pela castração, existe para as mulheres um gozo fora do falo (pré-edípico). Por tudo isto, um homem *não* pode ser um sintoma para uma mulher. Algo do gozo primitivo delas, que não é metabolizado pela ameaça de castração, permanece obscuro e indizível, e nada, nem mesmo o homem amado, pode representá-lo como um sintoma.

84 Referências

- Freud, S. (1994a). Conferencias de introducción al psicoanálisis – Parte III. (J. Etcheverry, trad., Vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1994b). Más allá del principio del placer. (J. Etcheverry, trad., Vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1994c). La organización genital infantil. (J. Etcheverry, trad., Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1994d). El sepultamento del complejo de Édipo. (J. Etcheverry, trad., Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (1994e). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. (J. Etcheverry, trad., Vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1994f). El feticchismo. (J. Etcheverry, trad., Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1994g). Sobre la sexualidad femenina. (J. Etcheverry, trad., Vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1994h). 33ª Conferencia. La feminilidad. (J. Etcheverry, trad., Vol. 22). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933).
- Lacan, J. (1993). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1994). *Resposta a una pergunta de Marcel Ritter*. (V. Goralí, trad.). Buenos Aires: Atuel. (Trabalho original publicado em 1975).

ARTIGO

- Lacan, J. (1998). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958).
- Lacan, J. (1999). *O Seminário. Livro 5. As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2002). A instância da letra ou a razão desde Freud. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969).
- Quinet, A. (2011). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. (4ª ed.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Resumos

(The woman, a man's symptom?)

Jacques Lacan suggested that the woman could be man's symptom in the last decade of his teaching. This article proposes to survey some of the Freudian theory of gender identification to discuss Lacan's hypothesis.

Keywords: Feminine, masculine, identification, symptom

(La femme, symptôme de l'homme?)

Au cours de la dernière décennie de ses enseignements, Jacques Lacan a suggéré que la femme pourrait être un symptôme de l'homme. Cet article propose la révision d'une approche de la théorie freudienne sur l'identification de genres pour pouvoir mettre en discussion la proposition de Lacan.

Mots clés: Féminin, masculin, identification, symptôme

(La mujer: ¿un sintoma para el hombre?)

En su última década de enseñanza, Jacques Lacan sostiene que una mujer puede ser un síntoma para un hombre. Este artículo revisa la aproximación de la teoría freudiana de la identificación de géneros para discutir la propuesta de Lacan.

Palabras clave: Mujer, hombre, identificación, síntoma

(Die Frau, Symptom des Mannes)

Im letzten Jahrzehnt seines Unterrichtes stellt Jacques Lacan die Hypothese auf, dass die Frau Symptom des Mannes sein könnte. Dieser Artikel analysiert den Denkansatz der Theorie der Identifikation der Gattungen Freuds, um die Anregung Lacans zu diskutieren.

Schlüsselwörter: Frau, Mann, Identifikation, Symptom

Citação/Citation: Ribeiro, M.A.C., Lamarca, D.B., Fonseca, M. R. da, Junqueira, L. M. (2015, março). A mulher: um sintoma para o homem?. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 18(1), 74-87

Editor do artigo/Editor: Manoel Tosta Berlinck e Sonia Leite

Recebido/Received: 14.5.2014/ 5.14.2014 **Aceito/Accepted:** 18.7.2014 / 7.18.2014

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: As autoras declaram não terem sido financiadas ou apoiadas / The authors have no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: As autoras declaram que não há conflito de interesses / The authors have no conflict of interest to declare.

MARIA ANITA CARNEIRO RIBEIRO

Psicanalista; Membro do colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano; Doutora em Psicologia Clínica; Coordenadora acadêmica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professora do Mestrado em Psicologia e Psicanálise do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (Juiz de Fora, MG, Br).

Rua Getúlio das Neves, 40/101 – Jardim Botânico

22461-210 Rio de Janeiro, RJ, Br

e-mail: marianitacarneiroribeiro@yahoo.com

DANIELLE BELO LAMARCA

Doutoranda; Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Br); Docente do curso de Psicologia e Professora da Pós-graduação em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional na mesma universidade; Participante da Formações Clínicas do Campo Lacaniano – FCCL (Rio de Janeiro, RJ, Br).

Estrada do Bananal, 535/106 – bl. 2 – Freguesia

22750-013 Rio de Janeiro, RJ, Br

e-mail: dani_lamarca@hotmail.com

ARTIGO

MARTHA RIBEIRO DA FONSECA

Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – UVA (Rio de Janeiro, RJ, Br); Nutricionista formada pela Universidade Federal Fluminense – UFF (Niterói, RJ, Br); Tecnóloga em Estética e Cosmética pela UNISUAM (Rio de Janeiro, RJ, Br); Pós-Graduação em Nutrição Clínica Funcional pela UNISUL (São Paulo, SP, Br); Pós-Graduação em Dietética Energética Chinesa pelo Instituto de Acupuntura do Rio de Janeiro – IARJ (Rio de Janeiro, RJ, Br); Professora do Curso de Tecnólogo em Estética e Cosmética na UNISUAM; Coordenadora da Pós-Graduação em Estética e Nutrição da UNISUAM.

Rua Coroados, 134, Bairro Jabour – Senador Camará
21833-080 Rio de Janeiro, RJ, Br
e-mail: spamartharibeiro@yahoo.com.br

Laura Monteiro Junqueira

Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – UVA; Especialista em atendimento a vítimas de violência – Prefeitura Municipal de Leopoldina, MG; Psicóloga Clínica.

Rua dr. Romualdo, 188/106 – São Matheus
36016-380 Juiz de Fora, MG, Br
e-mail: laurapsi@hotmail.com